

TRANSMISSÃO E ENDEREÇAMENTO: do campo da palavra, um retorno ao sujeito

*Márcia Pedruzzi**

*Maria Cristina Candal Poli***

RESUMO:

O artigo se propõe a indagar a articulação entre a escrita e o estatuto do endereçamento em psicanálise. A partir do olhar lançado ao campo da transmissão da experiência, as autoras propõem o testemunho pela via escrita como caminho possível para o endereçamento do singular das memórias de um sujeito ao campo do Outro, alterando a clássica noção de história pautada na diferença entre ficção e realidade, verdade e exatidão. Com este objetivo, trabalha a relação entre a mensagem e seu destino, recorrendo à alegoria proposta por Jacques Lacan através do conto policial *A Carta Roubada*, de Edgar Allan Poe. Com base nos desdobramentos extraídos por Lacan, busca-se compreender, junto ao movimento de circulação da carta/letra, o que é que se transmite no campo da palavra quando uma mensagem é posta em circulação.

PALAVRAS-CHAVES: Psicanálise. Endereçamento. Escrita. Testemunho. Transmissão.

* Marcia Giovana Pedruzzi Reis – Psicóloga. Mestre em Psicologia Social e Institucional pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Endereço para correspondência: Av. Soledade, 288/902, Petrópolis, CEP 90470-340, Porto Alegre/RS. E-mail: marciapedruzzi@terra.com.br. Telefone: (51)9997599.

** Maria Cristina Candal Poli – Psicanalista, membro da APPOA. Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS e do Mestrado Interdisciplinar Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida – RJ. Pesquisadora do CNPq. Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600, sala 137, CEP 90035-003, Porto Alegre/RS. Eletrônico: mcristoli@terra.com.br. Telefone: (51) 33085693.

*O intransmissível está no coração do desejo de transmitir, não como infável perdido nas areias de um deserto,
mas como soleira para a invenção.*

Érik Porge (Transmitir a clínica psicanalítica)

Notas introdutórias

Este artigo tem origem em um trabalho de pesquisa sobre escritas com função de testemunho, especialmente aquelas que visam à transmissão de um percurso de análise. Nesta pesquisa, nos dedicamos a obras literárias cuja narrativa, em primeira pessoa, se propunham a desvelar a experiência de análise do autor.¹ Nestas escritas, descobrimos um campo de criação e compartilhamento em que precisamente seria possível problematizar uma das grandes indagações de nosso tempo: de que modo se transmite a experiência e o que dela se transmite nos dias de hoje. Deparamo-nos, pois, com a singularidade e potência da experiência testemunhada em um relato de análise, na transmissão de algo que foi preciso primeiramente viver, marcar e cicatrizar, para num tempo outro, na dimensão de um *só-depois*, poder compartilhar.

Nesta problematização da articulação entre a escrita e a transmissão da experiência, nosso propósito foi o de pensar os relatos de análise como possível campo privilegiado de *passagem*. Como coordenada para uma leitura possível destas obras, encontramos as questões relativas à transmissão em sua articulação com a cultura: o que seria, ainda, capaz de afetar o outro? Quais os elementos que, depois de haverem tocado a nós mesmos, ousam romper o “impossível inscrito no abismo que a linguagem introduz em toda tentativa de comunicação” (Rickes, 2006, p. 39), na direção de fazer surgirem questões que possam ser comuns? Como, através do ato da escrita, estabelecem-se condições de compartilhamento de uma experiência?

A partir dessas questões, outras tantas se colocam no que concerne ao estatuto do *endereçamento* em psicanálise. Entre elas, o importante e recorrente tema do testemunho

¹ São várias as obras que se propõem a narrar a experiência de análise do autor. Em nosso trabalho, nos detivemos em três delas: “O dia em que Lacan me adotou: minha análise com Lacan” (*Le jour ou Lacan m’a adopté*), de Gérard Haddad (2003; Rio de Janeiro: Companhia de Freud); “Diário de minha análise com Sigmund Freud”, de Smiley Blanton (1971; São Paulo: Companhia Editora Nacional); e, finalmente, “Palavras por dizer” (*Les mots pour le dire*), de Marie Cardinal (1976; Rio de Janeiro: Imago). Nesse artigo, no entanto, não adentraremos nessas narrativas. Nosso propósito será, antes, o de interrogar as condições e os efeitos de tais narrativas na inscrição e transmissão da psicanálise na cultura, considerando também seus efeitos sobre aquele que se propõe a escrever.

que, pela via escrita, pode endereçar o singular das memórias de um sujeito ao campo do Outro, embaralhando a clássica noção de história pautada na diferença entre ficção e realidade, verdade e exatidão. Da mesma forma, cabe interrogar os efeitos que se operam no sujeito que escreve, os quais viriam a avaliar a pertinência, ou mesmo necessidade imperativa, de dar seu testemunho.

Sem a pretensão de encontrar respostas a questões tão abrangentes, mas instigados pelo desafio que estas escritas testemunhais nos lançam, propomo-nos a trabalhar, nos limites que um artigo permite, a relação entre a escrita e seu endereçamento, ou seja, entre a mensagem e seu destino. Com este objetivo, recorreremos à interessante alegoria² proposta por Jacques Lacan através do conto policial *A Carta Roubada*, de Edgar Allan Poe (1844). Com base nos desdobramentos os quais Lacan extraiu desta novela, buscaremos compreender, junto ao movimento de circulação desta carta roubada, o que é isso que se transmite no campo da palavra quando uma mensagem, tal como uma carta, é posta em circulação.

“Uma carta sempre chega a seu destino”

No seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Lacan finaliza assim a lição dedicada ao comentário do conto de Poe: “A cada instante cada um está definido [...] pelo fato de que uma carta sempre chega ao seu destino” (Lacan, 1954-55, p. 258).

Que carta/letra (*lettre*) é essa? Que mensagem traria consigo? A quem se endereça esta mensagem?

É importante brevemente discernir o uso do termo *letra* em Lacan, diferenciando a letra / carta (*lettre*) e a letra enquanto *litura*, lixo (*litter*). No texto sobre o conto que ora analisamos, Lacan aproxima o elemento da carta (*lettre*/letra) à função metafórica do significante, de um sentido que circula como mensagem entre o sujeito e o Outro. Neste contexto, a escrita se coloca como insistência da letra no simbólico. Já em *Lituraterra* (1971), a letra tem o estatuto de *objeto a*, resto do discurso do Outro, determinando sua função de litoral. Esta letra, então, possibilita conjugar dois registros heterogêneos: simbólico e real. Utilizando a metáfora do encontro impossível entre a terra do saber (simbólico) e o mar do gozo (real), Lacan afirma: “a escrita, a letra, está no real, e o significante, no simbólico (p. 114)”.

² Alegoria: “Exposição de um pensamento de forma figurada.” (Novo Dicionário Aurélio, Ferreira, 1986).

Na primeira abordagem, a qual trabalharemos aqui, a letra é significante que dá a verdade do desejo. Ela é, conforme propõe Lacan em *A instância da letra no inconsciente* (1957), a materialidade do significante³. Nesse sentido, sua proposição não é exatamente diferente do que ele virá a avançar na sequência. Em *Lituraterra*, Lacan apresenta uma concepção de uma escrita que faz litoral, no qual o resto, impossível de transmitir, é *litter*, letra/lixo. A escrita aí, *a letra*, vem demarcar a experiência da perda do encontro, perda de gozo. Já em sua análise da Carta Roubada, a materialidade do significante é extraída daquilo que *não cessa de não se escrever*, que insiste no automatismo de repetição, restando excluído das possibilidades lógicas de retorno. É, pois, essa letra que cai da série simbólica a que Lacan se refere também ali.

Percebe-se, no entanto, nesta primeira leitura, uma positividade da mensagem, uma aposta nos efeitos de significação que a ausência/insistência da letra provoca. É nesse sentido que entendemos a colocação de que a carta sempre chega ao seu destino como equivalente à afirmação que atesta o inefável do automatismo de repetição. Mas vejamos com mais detalhe o comentário de Lacan acerca do conto.

Lacan caracteriza a novela de Poe como uma “experiência exemplar na elucidação daquilo [...] para além da relação imaginária, onde o outro está ausente e onde aparentemente toda a intersubjetividade se dissolve” (1954-55, p. 225). A chave desse texto, que mantém tudo coeso e arrebatada a convicção (p. 236), está além desta relação intersubjetiva. Aquilo que sustenta o interesse de Lacan na Carta Roubada é a identidade da fórmula simbólica da situação nas duas etapas mais importantes do desenvolvimento do texto, no sentido de tornar palpável a relação do sujeito com a função simbólica (p. 241). É este desdobramento que pode nos ajudar a vislumbrar uma resposta à pergunta quanto à relação entre transmissão e endereçamento.

Lembremos do enredo: a história se desenvolve em torno do roubo de uma carta, cujo destinatário é a rainha. O ministro foi quem a furtou, na presença do casal de reis. Em um lance de olhar da rainha à carta, o ministro consegue perceber a importância do papel que recém chegara. O remetente era alguém que mantinha relações com a rainha, cuja carta tinha razões para esconder. O rei de nada sabe: nem da carta, nem do furto. A rainha entende que, para que o rei não perceba, deve jogar com sua desatenção e colocar a carta sobre a mesa, em plena evidência. Este é o cenário que permite ao ministro, compreendendo o poder que

³ “Designamos por letra esse suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (p. 498). Também, segundo o dicionário de psicanálise, organizado por R. Chemama (1995): “Dans le sens de caractere ou dans celui de missive, la lettre est à la fois le support matériel du signifiant et ce qui s’en distingue comme le réel se distingue du symbolique” (p.172).

teria sobre os personagens régios ao possuir a carta, sacá-la de cima da mesa e trocá-la por outra, vagamente análoga. À rainha resta resignar-se, apesar de perceber perfeitamente tudo o que se passa com o comprometedor documento. Ela está, segundo Lacan (1954-55, p. 236), bloqueada nessa relação a três.

Trata-se, pois, de reencontrar esta carta, cujo encarregado é o chefe de polícia. No texto de Poe, a primeira frase – citação de Sêneca – nos dá o teor da busca exaustiva que o policial empreenderá, sem sucesso: *nada é tão prejudicial à sabedoria do que a excessiva sagacidade*. É a Dupin a quem o policial recorre depois de esgotadas todas as tentativas de busca pela carta na casa do Ministro; Dupin, este *super-poeta* (Lacan, 1954-55, p. 237) que prontamente percebe o erro fundamental dos policiais: deter-se no método da identificação intersubjetiva, posição reflexiva de procurar a carta dentro de seu próprio registro de verdade, ou seja, “considerar somente as próprias idéias de engenhosidade e, ao procurarem alguma coisa escondida, atentar somente para as maneiras segundo as quais eles mesmos a teriam ocultado” (Poe, 1844).

Dupin o convida a apagar as luzes, pois no escuro pensarão melhor. Ao indicar a tática do avesso – “escurecer para clarear” - aproxima-se da subversão que nos propõe Lacan, parafraseando Gide: “não há nada mais profundo do que o superficial”. Talvez seja mais simples do que pareça. Talvez aquilo que tanto procuramos esteja bem na nossa face, ao alcance das mãos. De fato, já de saída Dupin adverte que, possivelmente, a própria simplicidade do caso tenha induzido os investigadores ao erro. O fato é que a carta estava, sim, na casa do ministro. Mas em completa evidência.

A rainha pensou que a carta estava preservada por estar diante de todo mundo. E o ministro também a deixa em evidência, julgando-a, assim, inexpugnável. Não é por ser um estrategista, é por ser um poeta, que ele ganha, até a intervenção do superpoeta que é o Dupin. [...] Se os policiais não a encontram não é só por estar em um lugar por demais acessível, mas por esta significação de que uma carta de alto apreço [...] só pode estar cuidadosamente escondida (Ibid., p. 237).

Deixando a carta em evidência, com indiferença e simplicidade, o ministro cegou aquele que estava à procura. É com a cegueira que tanto a rainha quanto o ministro jogam. Dupin deter-se-á, pois, na repetição das duas cenas: a cena da carta roubada (que poderíamos chamar de cena primitiva) e a cena da carta escondida/reavida (repetição). Isso permitirá que ele encontre a carta, *lá onde estava*, e igualmente a roube e substitua por outra.

Portando um único despiste, ela está outra vez “vagamente análoga”, apenas virada do avesso e com novo selo: ao alcance da mão, somente disfarçada, assim como a rainha o fizera.

Ao identificar a repetição de uma posição, Dupin não dispensa por completo o jogo imaginário, método que critica no inspetor de polícia; no entanto, a partir disso tomará outra via: “é a partir da análise do valor simbólico dos diferentes momentos do drama que se pode descobrir sua coerência [...]. Não é um jogo de esperteza, não é um jogo psicológico, é um jogo dialético”. Este é o caminho que permite a Dupin sair do frágil âmbito da relação imaginária com o outro, suspensa à sua própria incerteza, dentro do qual a experiência é completamente evanescente, para tomar uma via que pode ser incluída no campo simbólico, sustentada no discurso. Para além do imaginário, o simbólico; travessia, pois, de um outro ao Outro.

Do conto, Lacan (1954-55) toma ainda emprestado a referência de Dupin ao jogo do par ou ímpar. Quando se joga com a máquina da cibernética, e não com o outro imaginário, pode-se entrever que a máquina – expressão da função simbólica – não joga em absoluto ao acaso, mas a partir de uma significação que se fundamenta inicialmente na sucessão de suas respostas, e nas repetições daí decorrentes. Almejando sucesso no jogo contra a máquina, é preciso estar atento para o símbolo de mais (par) ou de menos (ímpar) contido na reconstituição dos conjuntos por ela tomados para determinar seu jogo

Tudo na ordem simbólica pode ser determinado com o auxílio de semelhante sucessão (ibid., p. 234). O jogo do símbolo é, em verdade, o que representa e organiza o sujeito. No exemplo do jogo do par ou ímpar, ele próprio é um elemento nesta cadeia, tomando lugar e desempenhando um papel na rede dos símbolos de mais ou de menos. Elemento de uma cadeia que, logo ao se desenrolar, organiza-se segundo leis: “assim, o sujeito está sempre em diversos planos, preso em redes que se entrecruzam” (ibid., p. 243).

Ao referir as escansões possíveis da posição deste Outro (máquina), percebemos que ali operam três tempos, em que o terceiro tempo foge ao controle do raciocínio por analogia, da relação dual de identificação. É preciso atentar-se para o caminho da linguagem, da combinatória possível, “no encaicho de uma regularidade presumida” (p. 242). A hipótese freudiana, conforme Lacan (p. 238), consiste em afirmar que neste tempo não se trata de puro arbítrio, ainda que tenhamos a intenção de fazê-lo ao acaso. Naquilo que o sujeito profere como que “por sorte”, como a aposta no par ou no ímpar em um jogo,

reflete de certa maneira o automatismo da repetição, visto que está para além do princípio do prazer, para além das ligações, dos

motivos racionais, dos sentimentos aos quais podemos ter acesso [...]. Este para além é o inconsciente, uma vez que não podemos atingi-lo, é a transferência, uma vez que ela é verdadeiramente o que modula os sentimentos de amor e ódio, os quais não são a transferência – a transferência é aquilo graças a que podemos interpretar esta linguagem composta por tudo o que o sujeito nos possa apresentar, linguagem que, fora da psicanálise, fica, em princípio, incompleta, incompreendida. É isso o para além do princípio do prazer. É o para além da significação (Lacan, 1954-55, p. 242).

Para finalmente apreender a questão do endereçamento da carta é preciso definir quais são os personagens que estão em jogo em cada uma das duas cenas do conto de Poe; sobretudo, o modo como eles se revezam em seu deslocamento no decorrer da repetição intersubjetiva (Lacan, 1966). Eles devem, assim, ser definidos a partir do sujeito, “mais exatamente a partir da relação que a aspiração do sujeito real, pela necessidade do encadeamento simbólico, determina” (Lacan, 1954-55, p. 247).

Então, vejamos: na primeira cena, há quatro personagens - o rei, a rainha, o ministro, e a carta. E Lacan nos revela: a carta/letra é aqui sinônima de um significante que se desloca em estado puro (1957), no qual não se pode tocar sem ficar, imediatamente, preso em seu jogo (1954-55). Veremos, então, que o deslocamento dos personagens “é determinado pelo lugar que vem a ocupar em seu trio esse significante puro que é a carta roubada. E é isso que para nós o confirmará como o automatismo da repetição” (1966, p. 18).

A cada etapa da transformação simbólica da carta, os demais personagens serão unicamente definidos por sua posição em relação a este sujeito radical (1954-55, p. 248). De acordo com Lacan, na medida em que os personagens entram no movimento próprio à carta, cada qual se torna, no decurso das sucessivas cenas, funcionalmente diferente em relação à realidade essencial que a carta constitui. Em outros termos, “se considerarmos a carta em seu aspecto exemplar, a carta é, para cada um, seu inconsciente. É seu inconsciente com todas as conseqüências, ou seja, a cada momento do circuito simbólico, cada qual torna-se um outro homem”.

Deste modo, Lacan não deixa de nos indicar a possibilidade de transformação, de tornar-se outro homem quando inserido em uma circulação simbólica, ao ingressarmos no movimento da carta (inconsciente) endereçada. Neste mesmo Seminário, refere que há algo de sobrepujante que ocorre quando os personagens, neste movimento, se apoderam da carta, algo que os arrasta e os leva consigo. A carta é, por conseguinte, mais do que uma mensagem sem

valor: trata-se do inconsciente. Mais do que isso, a Carta Roubada faz prova de que o inconsciente é algo que acontece, que se atualiza. Será, pois, a circulação da carta, deste significante, que dará lugar ao sujeito. Sujeito do inconsciente, com o qual a psicanálise se ocupa. Sujeito, pois, da experiência, o qual se desvela no ato analítico e constitui-se como efeito de verdade que pode ser lido nas conseqüências da experiência produzida por uma psicanálise.

Conforme afirma Lacan no seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), o sujeito se constitui no lugar do Outro, em sua dependência significante a esse lugar Outro que, justamente, é “o lugar onde se situa a cadeia do significante, e que comanda tudo o que vai poder se presentificar do sujeito; é o campo onde o sujeito tem que aparecer” (p. 194). Relação que se engendra sempre, enfim, num processo de hiância, de cisão.

Ele nos aponta, pois, para este organizador primordial do campo da experiência do sujeito, a linguagem, cujos significantes organizam e estruturam de modo inaugural as relações humanas. De fato, a ordem humana se caracteriza pela intervenção da função simbólica (linguagem) em todos os momentos e em todos os níveis de sua existência (Lacan, 1954-55). Tal como entrevemos na busca de Dupin, o esquadramento possível, este que nos interessa, é o simbólico (sucessão de símbolos). E ao referir o modo de tropeço pelo qual as formações do inconsciente aparecem – inconsciente este que justamente nos dá mostras da hiância por onde a neurose se conforma a um real - nos aponta, na justa descontinuidade, a dimensão de um *não-realizado*, à qual Lacan (1964, p. 30) atribui “uma estranha temporalidade”:

O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria algo de *não-nascido*. Que o recalque derrame ali alguma coisa, isto não é de se estranhar. Esta dimensão seguramente deve ser evocada num registro que não é nada de irreal, nem de desreal, mas de não-realizado. [...] Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. [...] O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo *produzir-se*, se apresenta como *um achado*. É assim, de começo, que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente. (Lacan, 1964, p. 30)

Assim, Lacan introduz o inconsciente pela estrutura de uma fissura, de caráter tão inesperado quanto evanescente, que se manifesta como produção no seio da experiência. Há algo de *não-nascido* justamente porque o que estrutura e caracteriza o sujeito é a falta. Deste modo, o inconsciente está para ser realizado (Pereira & Pereira, 2008), onde a necessidade de desvanecimento disso que da consciência é recusado – numa função, de algum modo, *pulsativa* do inconsciente – lhe é inerente (Lacan, 1964, p. 46). E, justamente nestas formações do inconsciente, o significante poderá fazer-se presente ao sujeito. É neste ponto, pois, que, na dimensão de um *devoir*, Lacan situa a apreensão do Real.

A carta desviada

Mas *O que é afinal uma carta (lettre)?*, pergunta Lacan. Como uma carta pode ser roubada? A quem ela pertence – ao remetente ou a seu destinatário? Mais ainda: de que modo, e em que momento, a carta chega ao seu destino? Carta, uma *lettre* que é também letra. Uma letra que falta; esta última, justamente o ponto de incidência do simbólico no corpo. Letra que, como instância, fundamenta o inconsciente por intermédio da primazia do significante. Como marca de uma escrita primordial que assinala o sujeito em sua singularidade, esse traço inscreve uma diferença a partir da qual o sujeito insere-se em uma série simbólica, inaugurando, no mesmo golpe, o processo de repetição característico do movimento inconsciente (Rinaldi, 2007). Através do conto de Poe, Lacan demonstra-nos que o automatismo de repetição traduz a insistência, ou instância, da letra, verdade que possibilita a própria existência da ficção (Porge, 2009).

De acordo com Lacan, a carta é “uma fala que voa” (1954-55, p. 249), polissemia que *la lettre volée* (“a carta roubada”) comporta. Visto ser uma fala, a carta ora trabalhada pode ter funções diversas: uma confidência, a armação de um complô, uma declaração de amor, ou uma banalidade. O essencial aqui é perceber que esta carta não tem o mesmo sentido em todo o lugar que vem a ocupar, o que nos leva a questionar: a carta roubada era verdadeiramente endereçada à rainha – era esse o seu destino? Ora, perante a rainha, a carta somente adquire seu valor em relação a tudo o que ela ameaça, valor, enfim, confidencial. Assim que ela passa para o bolso do ministro, ela já não é mais o que era antes. Ela se torna, no roubo, uma prova material, um meio de chantagem. Dupin, por seu turno, somente pôde capturar a carta com seu olhar de lince, diferentemente dos policiais, na medida

em que, justamente, meditou a respeito do *que vem ser a ser uma carta*, e assim percebido que ela se transforma no jogo de posições, significante que modifica seu sentido.

E não somente a carta se transforma quando muda de lugar. As personagens mudam quando noutra posição. Vemos que o ministro, assim como a rainha, quando da posse da carta, não pôde em absoluto falar dela, visto que deste modo perderia sua arma (e a rainha, seu segredo). Desta maneira, assume a mesma posição da rainha; no decurso da segunda cena, não poderá, assim, deixar de fazer com que igualmente a furem. O ministro indica, pois, a carta a Dupin, assim como a rainha a ele o fez. Nesta segunda cena, a estrutura segue com quatro personagens, porém em posições diferentes: no lugar do rei que nada sabe e nada vê, a polícia. No lugar da rainha, o ministro. O ministro, por seu turno, tem seu lugar ocupado por Dupin.

E a carta/letra? A carta, na medida do seu deslocamento, revela seu caráter de significante e, neste movimento, assume diferentes sentidos relativos às distintas posições da cadeia. Todavia, é quando escondida que a carta faz desvelar que, na realidade, o que está camuflado não é ela, mas aquilo que é da ordem da verdade. De fato, ela estava à vista dos policiais, em completa evidência; eles a viram, porém não a reconheceram por estarem presos à descrição que a rainha lhes fez do seu carimbo. Lembra-nos Lacan que “só pode haver algo escondido na dimensão da verdade” (1954-55, p. 254)⁴. Verdade que se revela em sua ordenança de ficção no próprio fato de ser buscada no conto de Poe (1966, p.19).

O destino da carta ilustra, essencialmente, que a ordem simbólica é constituinte para o sujeito, “demonstrando numa história a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante” (ibid., p. 14). É essa verdade que possibilita, pois, a própria existência da ficção, sustentada na dimensão da linguagem. Na primeira cena, joga-se com a exatidão; na segunda com o automatismo da repetição: “se passa do campo da exatidão para o registro da verdade [...] registro que situa-se ali onde o sujeito nada pode captar senão a própria subjetividade que constitui um Outro como absoluto” (ibid., p. 22).

Em outra referencia ao título do texto, Lacan resgata o original, do inglês, *The Purloined Letter*, traduzida por Baudelaire como *La Lettre Volée*. Da etimologia do verbo *to purloin* – palavra anglo-francesa que se desdobra em “dissimular”, “desviar” – Lacan tira conseqüências importantes:

⁴ Pode-se entrever aqui a diferença entre verdade e exatidão. “A verdade tem uma estrutura de ficção”, conforme afirma Lacan, no seminário sobre “A ética da psicanálise”. Não se trata de exatidão, mas sim da estrutura do sujeito nesta posição de ficção.

pois é justamente a carta desviada que nos ocupa, aquela cujo trajeto foi alongado, ou, para recorrer ao vocabulário postal, *la lettre em souffrance*, a carta não retirada. Eis aí [...] a singularidade da carta/letra, que, como indica o título, é o verdadeiro sujeito do conto: é por poder sofrer um desvio que ele tem um trajeto que lhe é próprio. Traço onde se afirma, aqui, sua incidência de significante. Pois aprendemos a conceber que o significante só se sustenta num deslocamento [...] e isso em razão de seu funcionamento, alternante por princípio, que exige que ele deixe seu lugar, nem que seja para retornar a este circularmente. (Lacan, 1966, p. 33)

Eis o que, justamente, vem a ocorrer no automatismo da repetição. O sujeito “segue o veio do simbólico”, e não apenas o sujeito, mas os sujeitos, tomados em sua intersubjetividade, que se “alinham na fila”, modelando seu próprio ser de acordo com o momento da cadeia significante que os está percorrendo. Desta feita, será o deslocamento do significante que determinará o sujeito em seus atos, em seu destino, em suas cegueiras, em suas recusas. E se os sujeitos se revezam, é porque, conforme deprendemos do texto de Poe, é a carta/letra e seu desvio que verdadeiramente regem seu papel, e a assunção deste. É como se pudéssemos dizer que é a carta – a letra, a mensagem, o significante – que circula e distribui as posições. Dupin, assim como a rainha, e assim como ministro, ficará calado na posse da carta. Somente falará dela quando do pagamento de honorários por parte do chefe de polícia. No desfecho da história, a carta encontrará seu endereço, chegando a quem, pois, *a carta tem valor de verdade a ser desvelada*. E Lacan assevera novamente: “a cada instante, cada um está definido pelo fato de que uma carta sempre chega ao seu destino” (p. 258).

Conforme já demonstramos, o automatismo do campo simbólico, no horizonte da compulsão à repetição, extrai seu princípio da insistência da cadeira significante, a qual é correlata à *ex-sistência* (lugar *êxtimo*) em que convém situar o sujeito do inconsciente (Lacan, 1966, p.16); sujeito sempre como precipitado deste campo simbólico. É, portanto, o automatismo da repetição que está em causa no retorno da carta ao seu endereço.

Chegamos a algum indício de resposta? A carta que chega ao seu destino não é, então, uma carta qualquer? Lacan nos ratifica na indicação de uma polissemia: *Vol de la lettre*⁵. A carta que chega é aquela que é roubada, aquela que se perde, se desvia, e passa pelo campo do Outro, chegando ao seu destino, pois, como retorno ao sujeito. E se retorna, o faz na dimensão de um *só-depois*, onde, no endereçamento da palavra, “joga-se um jogo cujas

⁵ *Vol de la lettre* traduz-se não apenas como ‘roubo da carta’, mas igualmente ‘vôo da letra’.

cartas já teriam sido dadas num tempo anterior, que é o da estrutura. Todavia é o jogador que, ao escolher uma carta ao invés da outra, traça sua estratégia” (idem).

Endereçamento ao campo do outro: a carta, seu retorno, e o efeito de sujeito

No ato de narrar, nos propomos a ser o mestre do significante, desdobramento do eu que introduz uma distensão temporal e espacial na cadeia significante através da qual alguém se conta. A carta roubada não é mais que a verdade desvelada quando habita a ficção. Na linguagem, afirma Lacan, nossa própria mensagem nos vem do Outro, e de forma invertida (1966, p. 9). Ou seja, a carta extraviada sempre chega ao seu destino, muito embora não retorne, depois de passar pelo campo do Outro, da mesma forma como foi enviada. Talvez a *carta que voa*, esta que se desvia, seja a carta por meio da qual o sujeito se endereça ao campo do Outro, de onde – na dimensão de um *a posteriori* – lhe será devolvida, chegando ao destino. Opera-se aí a autenticação de seu ato e de sua inscrição simbólica. Esboçaríamos depreender, enfim, que a produção de uma memória, de uma história, é sempre relativa a um lugar Outro, e que se produz quando do retorno.

Apoiando-nos no grafo do desejo, trabalhado por Lacan no Seminário *As formações do inconsciente*, poderíamos dizer que a mensagem, isto é, o apelo lançado pelo *infans*, precisa ser de alguma forma homologada pelo Outro, para que enfim possa chegar ao seu endereço – retornar como efeito de sujeito.

No que tange à situação de análise, se retomarmos a proposição freudiana, de que *lá onde eu estava, o sujeito deve advir*, encontramos em Lacan que, “para saber que se está lá, só há um método, que é de discriminar a rede [...], voltando, retornando, cruzando seu caminho, que ela se cruza sempre do mesmo modo [...] pois isso se entrecruza de tal modo que escapa ao acaso” (1964, p. 48). O *Wo Es war*, em sua dimensão de *terá-sido*, introduz o *soll Ich werden*, de um recontar/reencontrar(-me) ali, neste momento fora do tempo de algo que está para ser realizado, no desenrolar do encadeamento simbólico operado em uma análise.

Aqui, a noção de entrecruzamento, de retorno (*wiederkehr*) é fundamental – retorno não apenas no sentido do que foi recalçado, mas igualmente no que concerne à constituição mesma do campo do inconsciente. Foi por esta via que Freud pôde conceber a subversão do sujeito, ao identificá-lo àquilo que é originalmente subvertido pelo sistema do significante (ibid., p. 51). Lacan, seguindo este caminho, aponta a relação traçada entre a

rememoração e a repetição, em que, “o sujeito em sua casa, a rememoração da biografia, tudo isso só marcha até um certo limite, que se chama o real (idem)”. O real, pois, como aquilo que retorna sempre ao mesmo lugar, a esse lugar onde o sujeito, na medida em que ele cogita, não o encontra.

A experiência no campo da psicanálise desvela-se, essencialmente, como da ordem do “eu não é o senhor de sua própria casa”, em que a experiência se confunde com o automatismo de repetição. *Sujeito assujeitado*, enfim, a uma condição que lhe transcende. Com base no ensino de Lacan, a leitura da Carta Roubada permite vislumbrar a possibilidade de inscrição de um sujeito neste automatismo, o qual traduz a insistência da letra em desviar-se pelo campo do Outro e regressar ao seu destino, como retorno ao sujeito no *a posteiori*. Ela (a *lettre*) lhe será devolvida, pois, chegando ao destino. Por esta via, depreendemos que a produção de uma memória é sempre relativa a um lugar Outro, inscrita neste retorno.

Retorno e transmissão

A título de conclusão desse breve artigo, gostaríamos de mencionar os texto de Freud (1900) acerca do *Sonho da Injeção de Irma* e o trabalho de transmissão que essa escrita opera. Trata-se de um testemunho freudiano, concernente à fundação da psicanálise e que nos ensina quanto ao estatuto do endereçamento de uma letra. Conforme Lacan (1954-55, p. 187), Freud encontrava-se interrogado por este sonho, seu próprio sonho, tão angustiante quanto enigmático, quando escolhe relatá-lo, e, por meio da escrita, tecer ali todas as associações que o sonho lhe provocava.

De acordo com Pereira e Pereira (2008, p. 41), é justamente no exercício da escrita que Freud vai descobrir, não sem certa surpresa, um método de interpretação. Ao desvendar o que estava em sua origem, as condições de sua produção e de seu destino (endereço), acaba por elaborar uma teoria do sonho: *o sonho como realização do desejo*. Pode-se, então, interrogar a função do testemunho que o texto produz como indo além daquilo que Freud pudera prever. O testemunho o ultrapassou: “Há aí como que uma revelação única e decisiva do sujeito, onde se concentra um não sei quê de indizível, onde o sujeito, por um instante, está perdido, estilhaçado. Como no sonho da injeção de Irma, o sujeito se descompõe, se esvaece” (Lacan, 1954-55, p. 223).

É também no seminário sobre *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, que Lacan (1954-55) trabalhará essa questão, acentuando o endereçamento presente no texto

inaugural de Freud. Não é possível separar a interpretação que Freud faz do sonho, do sonho em si. É um escrito conjunto em que ele nos diz: aqui está o primeiro passo na chave do sonho. Segundo Lacan, esse texto é endereçado a nós: já é para a comunidade dos analistas que Freud sonha e tece o trabalho de interpretação. O testemunho e a transmissão. Enquanto Freud fala conosco, diz algo em que, ao mesmo tempo, ele (o Eu de Freud) se apaga. Citando Freud, Lacan indica o caminho: “a seringa estava suja, sem dúvida. E justamente na medida em que a desejei demais (a verdade, sua busca), em que participei desta ação, em que quis ser, eu, o criador, não sou mais o criador” (Lacan, 1954-55, p. 217).

Assim, Freud não está sozinho quando escreve sobre o sonho da injeção de Irma; ele o transmite, endereça e compartilha, “como numa análise, o sonho se endereça ao analista” (Lacan, 1954-55, p. 216). Por intermédio deste sonho compartilhado,

faz com que nós o ouçamos e nos põe efetivamente no caminho de seu objeto, que é a compreensão do sonho. Não é somente para si próprio que ele representa seu inconsciente. Pelo contrario é ele quem fala por intermédio deste sonho, e quem se dá conta de que – sem tê-lo querido, sem tê-lo primeiro reconhecido, e reconhecendo-o unicamente em sua análise do sonho, ou seja, enquanto está falando conosco – ele nos diz algo que ao mesmo tempo é e não é mais ele (idem).

O ‘criador’ o sobrepuja, o extrapola em sua busca pela verdade, e Freud justamente localiza-o no inconsciente: “o criador é alguém maior do que eu, é o meu inconsciente, é esta fala que fala em mim, para além de mim” (Lacan, 1954-55, p. 217).

A respeito deste compartilhamento endereçado em que o eu se apaga, Lacan evoca o lugar privilegiado do *umbigo do sonho* – solo comum da experiência e da linguagem, que toca na dimensão do irrepresentável (do sexo e da morte), indicando que a questão da verdade na psicanálise fica sempre remetida para o interior da linguagem, o lugar vazio no qual o sujeito da enunciação e os efeitos da enunciação se produzem (Poli, 2009). Trata-se, pois, do encontro (*Tichê*) com “uma experiência privilegiada”:

relação abissal ao mais desconhecido que é a marca de uma experiência privilegiada, excepcional, onde o real é apreendido para além de toda a mediação, quer seja imaginária, quer seja simbólica [...]. Poder-se-ia dizer que tais experiências privilegiadas são caracterizadas pela relação que aí se estabelece com um outro

absoluto, com um outro para além de toda intersubjetividade (Lacan, 1954-55, p. 223).

No momento em que, no sonho, Freud vê a garganta de Irma – imagem na qual Lacan localiza o ponto de angústia, o umbigo do sonho – há algo que diz do encontro com o real, retorno de uma letra que permite à experiência poder ser significada. No ensino de Lacan, encontramos que

o que confere o verdadeiro valor inconsciente a este sonho, sejam quais forem suas ressonâncias primordiais ou infantis, *é a busca da palavra*, o enfrentamento direto com a realidade secreta, e a busca da significação como tal. [...] Não há outra palavra-chave do sonho a não ser a própria natureza do simbólico (op.cit., p. 203 [grifo nosso]).

Valemo-nos do exemplo para demarcar que, para além de toda a intersubjetividade (Lacan, 1954-55), para além, pois, da relação imaginária, há um estatuto de experiência que dispensa a mediação, experiência privilegiada de encontro com o real que coloca em primeiro plano a dimensão da transmissão e do endereçamento, pela lógica do discurso.⁶

Neste sentido, ao questionar-se a respeito de seu angustiante sonho, Freud encontra na transmissão uma saída. Transmissão que portava um endereçamento, conforme proposto por Lacan: à comunidade de psicanalistas que, naquele mesmo ato da escrita de Freud, estava sendo inscrita na cultura. Foi pela escrita que Freud transmitiu isso que, no caso do sonho da injeção de Irma, lhe escapava, e tocava no real da experiência. Foi pela escrita que o pai da psicanálise descobriu, inventou, reinventou e legou a psicanálise. E a dimensão de endereçamento na transmissão desta descoberta fundamental e inédita é capital para a constituição da experiência psicanalítica.

Assim, ao apostar na potência transmissiva da escrita, supomos que, tanto a escrita freudiana referente ao sonho da injeção de Irma quanto o compartilhamento de uma experiência de análise, operam uma torção. Há aí um movimento de descentramento do eu onde *isso* fala, por meio do qual o sujeito toca no real da letra e faz troca. Torção, enfim, a

⁶ A relação imaginária é aquela que se centra em torno do *ego* (Lacan, 1954-55, p. 224), a qual nos ensina que este *ego* “nunca é apenas o sujeito, que ele é essencialmente relação ao outro (op.cit.)”. Em certas condições, “esta relação imaginária atinge ela mesma seu próprio limite, e o *ego* se esvaece, se desorganiza. O sujeito é precipitado num enfrentamento [...] com algo a que poderíamos dar o nome de *id* (224-225)”. Este enfrentamento para além do *ego*, com o *id*, é o que procura advir na análise (op.cit.).

qual “testemunha uma mudança discursiva, um giro que inscreve o batimento de outra coisa, giro causado por um desejo de transmitir o impossível de transmitir” (Leite, 2009). Nessa condição, o sujeito é, pois, levado a inventar. Na bela expressão de Porge, mencionada em epígrafe a esse artigo, “o intransmissível está no coração do desejo de transmitir, não como inefável perdido nas areias de um deserto, mas como soleira para a invenção” (2009, p. 15).

Justamente o autor nos assinala que, para Freud, escrever não era apenas uma escolha. Era, antes, uma necessidade, tendo em vista a constituição do campo psicanalítico enquanto tal. Para que Freud inventasse a psicanálise e encontrasse uma via para a transmissão de seus princípios e de sua experiência, ele precisava passar pela escrita do caso (Poli, 2009). O meio de transmitir, pois, faz parte do que é transmitido, “e às vezes é mesmo difícil distinguir um do outro; ele atua sobre o leitor, chegando mesmo ao caso em que o meio de transmissão, o suporte da mensagem, é a própria mensagem” (ibid., p. 14).

Ao se deparar com a dificuldade de transmitir sua clínica, Freud descobre no relato dos casos clínicos sua *solução*, privilegiando nele a verdade à exatidão dos fatos objetivos, donde a transmissão da verdade tem estatuto de ficção e dá mostras da divisão constituinte do sujeito. Assim, na transmissão e inscrição de uma questão no campo da psicanálise, é preciso deixar-se afetar: trata-se, pois, de incluir-se como autor na sua produção (Poli, 2009). Isso implica um situar-se em relação à transmissão, co-extensiva à escrita:

É nesse sentido que, na psicanálise, não se escreve nem se pesquisa para comprovar o que já se sabe. Escreve-se, antes, para dar testemunho de um encontro com o real, com esse ponto da experiência que resiste ao saber, e que opera, pela via privilegiada de sua transmissão: a transferência (idem).

Estas afirmativas nos interessam sobretudo, ao abalizar a legitimidade de uma escrita com estatuto de ficção como objeto de pesquisa psicanalítica, mas, sobretudo como forma de transmissão de um saber. Apostamos que na escrita de um relato biográfico de experiência de análise esteja em causa especialmente, ainda que diante de quaisquer outros objetivos, a transmissão de um saber, a transmissão de uma experiência que se faz fundamental passar adiante. E, conforme viemos abordando, transmissão e endereçamento talvez possam ser considerados indissociáveis, onde o campo do Outro, a um só tempo, respalda que o sujeito possa tomar a palavra, e abre caminhos para que seu testemunho possa circular e autenticar a experiência mais singular. Assim, a produção de uma memória, de uma verdade, de uma dada ficção, é sempre relativa a este lugar Outro, somente encontrando

amparo na ordem simbólica e autenticação de sua experiência no *a posteriori* do justo retorno ao sujeito.

Referências

EDITORIAL - “Narrar, construir, interpretar”. In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre: APPOA, n. 30, jun. 2006.

FREUD, S (1900). “A interpretação dos sonhos”. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996, v. 4.

LACAN, J (1954-55). *O Seminário: Livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____.(1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____.(1957-58). *O Seminário: Livro 5 – As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____.(1964). *O Seminário: Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____.(1966). “O seminário sobre A Carta Roubada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____.(1971a). “Lituraterra”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEITE, N. V. de A. & VORCARO, A. (Org.). *Giros da transmissão em psicanálise: instituição, clínica e arte*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

RINALDI, D. “Escrita e invenção”. In: *Escrita e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud, 2007.

PEREIRA, L. S. & PEREIRA, R. F. *Transferência e transmissão da experiência*. Revista *Textura*, n. 6, 2008.

POE, E. A. *A carta roubada*. Porto Alegre: Editora L&PM, 2007.

POLI, M. C (2009). “Leituras da clínica, escritas da cultura”. In: LEITE, N. V. de A. & VORCARO, A. (Org.). *Giros da transmissão em psicanálise: instituição, clínica e arte*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

PORGE, E. *Transmitir a clínica psicanalítica*. Tradução: Viviane Veras e Paulo Souza. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

RICKES, S. M. & MADEIRA, M. L. *Escrita a pena*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, v.30, p. 35-51., 2006.

**TRANSMISSION AND ADDRESSING:
From the field of the word, a return to the subject**

ABSTRACT:

The article aims to examine the articulations between writing and the process of *addressing* in psychoanalysis. Observing the field of transmission of experience, the authors propose the testimony through writing as a possible path for the addressing of the singular aspect of memories from a subject towards the Other, changing the classical notion of history based on the difference between fiction and reality, truth and accuracy. With that in mind, the article discusses the relationship between the message and its destination, using the allegory proposed by Jacques Lacan through the detective story *The Purloined Letter*, by Edgar Allan Poe. Based on the developments extracted by Lacan, we seek to understand, along with the circulation movement of the *letter*, exactly what is transmitted in the field of the words when a message is in circulation.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Addressing. Writing. Testimony. Transmission.

**TRANSMISSION ET ADRESSE:
Du champ de la parole, un retour au sujet**

RESUMÉ:

Le présent article propose d'analyser l'articulation entre l'écriture et le statut de l'adresse en psychanalyse. À partir du regard lancé sur le champ de la transmission de l'expérience, les auteurs proposent le témoignage écrit comme chemin possible pour l'adresse du singulier des mémoires d'un sujet au champ de l'Autre, en modifiant la notion classique de l'histoire fondée sur la différence entre fiction et réalité, vérité et exactitude. L'étude du rapport entre le message et sa destinée repose sur l'allégorie proposée par Jacques Lacan à travers la nouvelle policière d'Edgar Allan Poe, *La lettre volée*. Sur la base des développements avancés par Lacan, l'objectif est de tenter de comprendre, par rapport au mouvement de circulation de la lettre/lettre, ce qui se transmet dans le champ de la parole quand un message est mis en circulation.

MOTS-CLÉS : Psychanalyse. Adresse. Écriture. Témoignage. Transmission.

Recebido em 10/10/10

Aprovado 11/11/10